

## **A economia não mente, mas também não prevê o futuro**

Guy Sorman

Publicado no Jornal Le Monde

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

Para aqueles que se irritam com a economia e ainda mais para quem a economia de mercado é insuportável, a recessão é toda uma bênção: "Os franceses não têm a cabeça econômica, mas política", descreveu Alexis de Tocqueville em 1848. A essa pouca afinidade pela economia se acrescentam nos franceses uma aversão pelo capitalismo e uma inclinação pela intervenção forte do Estado. Acusar os economistas de não ter previsto a crise e os liberais de tê-la provocado com seus excessos se inscreve em uma batalha na qual a ciência econômica não é a única que está em jogo: a economia e os economistas se encontram no cruzamento da ideologia com a ciência.

Mas, de todo modo, a economia é uma ciência. O é porque os economistas - reconhecidos como tais por seus pares - seguem um processo verdadeiramente científico. Partindo de fatos constatados, os medem, buscam recorrências, daí tiram modelos, submetem esses modelos à crítica e os comparam com a realidade: assim a ciência econômica avança de uma hipótese refutável para outra.

Alguns modelos resistem à prova do tempo e dos fatos: transformam-se em leis expressas em linguagem matemática. O número dessas leis econômicas, que passaram da teoria à ação, vai aumentando e produz resultados mensuráveis: principalmente o crescimento. A economia é uma ciência porque progride, conforme a própria definição de toda ciência, segundo Karl Popper, e melhora o destino de uma parte crescente da humanidade.

Consideremos a história do século 20 desde 1945: é inegável que milhões de seres humanos saíram da pobreza e que esse número está aumentando. Milagre? Se o Leste Europeu se reconstrói, se Brasil, Índia e China progredem, não é por terem mudado de cultura, nem sequer de regime político, nem por terem descoberto riquezas naturais. A única mudança que os fez passar da miséria à melhora foi a das

estratégias recomendadas pela ciência econômica: o livre comércio, a concorrência entre as empresas, a emissão de moedas estáveis.

Essas estratégias foram receitas de crescimento transferidas do laboratório para a prática. Esses princípios – tais como a relação entre o nível de salário e o desemprego, a "criação destrutiva" ou princípio de Schumpeter, as vantagens da distribuição de riscos financeiros – são conhecimentos que formam um consenso. As disputas entre economistas são vivas, mas geralmente se situam no interior desse paradigma: os que refutam o próprio princípio do livre comércio ou preconizam a inflação são para a economia o que os curandeiros são para a cirurgia.

## **Polêmica**

Os economistas americanos que são elogiados na Europa, como Paul Krugman, porque é social-democrata, e Joseph Stiglitz, porque é antiglobalização (ambos mantidos à margem por Barack Obama), se situam no entanto no interior do paradigma: Joseph Stiglitz não nega a eficácia do livre comércio contra a pobreza; Paul Krugman não propõe substituir o capitalismo pelo socialismo. Ambos, tanto em seus trabalhos universitários como em suas posições públicas, salientam até o cansaço as imperfeições do mercado. Mas nenhum economista as nega, nem mesmo os ultraliberais. O debate entre liberais e intervencionistas gira em torno da maneira de conter tais imperfeições.

Eliminá-las? Ninguém acredita nisso. No século 20 se experimentou ao vivo com sistemas econômicos que pareciam ideais no papel, com os resultados trágicos que todos conhecemos. A grande disputa entre economistas refere-se apenas à regulamentação pública.

Os intervencionistas esperam que o Estado reduza os desequilíbrios nos mercados, dos quais os bônus dos corretores são uma manifestação entre outras nem tão visíveis. Os liberais não negam esses desequilíbrios, mas duvidam de que o governo seja mais racional que o mercado: os mercados fazem bolhas, mas os governos fazem a guerra. Os capitalistas

são agitados por paixões irracionais, mas os políticos e os burocratas não são necessariamente mais sensatos e desinteressados.

Os economistas liberais, portanto, convidam a reforçar a informação sobre os mercados. Nesta análise liberal, as bolhas especulativas não surgem devido à ausência de regras, mas à falta de informação, que conduz aos abusos cometidos pelos iniciados.

Se a economia é uma ciência, de que serve uma ciência que não prevê nada? "Os economistas sabem fazer tudo, menos prevenir", declarou Gérard Debreu ao receber o prêmio Nobel de economia em 1983. Na realidade, os economistas sabem prever que as más políticas conduzem ao pior. Congelar preços e salários, nacionalizar indústrias, fechar as fronteiras, imprimir mais e mais notas: tudo isso garante a miséria. E é algo previsível.

E no curso da atual recessão é notável que todos os governos tenham concordado em preservar o livre comércio (ao contrário de 1930), refinar os bancos (ao contrário de 1930), evitar a inflação (ao contrário de 1974): os conhecimentos da ciência econômica evitaram repetir os erros cometidos em crises anteriores. Mas ninguém felicita os economistas pelos 25 anos de crescimento anteriores à crise, nem quando evitam que a recessão degenera.

Prever e evitar a crise de 2008? A posteriori sempre há adivinhos que a teriam anunciado, mas no estado atual dos conhecimentos ninguém poderia tê-la garantido. As crises são imprevisíveis porque são o resultado da cristalização de inúmeros fatores que ninguém poderia citar.

Inclusive podemos considerar, como faz o matemático e economista francês Benoît Mandelbrot, que, sendo os mercados financeiros aleatórios por definição, as crises sempre serão inevitáveis. Só um sistema financeiro fixo, sem inovação, seria previsível. Inovação, crescimento, crise: tudo isso está ligado, e regulamentar um só desses fatores teria reações em todos os demais.

Essa complexidade esclarece o desacordo entre os economistas sobre a causa da crise, supondo que não houvesse mais que uma. Os liberais têm como culpado o Federal Reserve dos EUA por ter suscitado a bolha especulativa graças às facilidades de crédito. Os intervencionistas

atribuem essa mesma especulação à falta de regras. Talvez pudéssemos discernir a causa dentro de dez anos, quando estiverem reunidos os dados necessários; também se poderia chegar a uma conclusão sobre a utilidade ou não da reativação pública. Mas até esta data isso não é possível.

A economia de mercado é imperfeita e conduz somente a progressos materiais e relativos. Esses matizes jamais seduzirão os amantes da perfeição. Também se decepcionarão aqueles que apostam no apocalipse: de crise em crise, o capitalismo não morre, mas se recupera. E também, de crise em crise, os economistas aprendem.